

A LINGUÍSTICA E A FILOLOGIA EM EVANILDO BECHARA¹

Ricardo Cavaliere

Universidade Federal Fluminense

Liceu Literário Português

RESUMO: O texto traça um comentário genérico sobre a bibliografia de Evanildo Bechara com ênfase em duas obras expressivas no plano historiográfico: seu primeiro trabalho publicado e a última edição de sua prestigiada gramática portuguesa.

PALAVRAS-CHAVE: Evanildo Bechara, bibliografia, duas obras.

***ABSTRACT:** This paper outlines a general comment on the bibliography of Evanildo Bechara with emphasis on two expressive works in the historiographical point of view: his first published paper and the latest edition of his prestigious Portuguese grammar.*

***KEYWORDS:** Evanildo Bechara, bibliography, two works.*

Senhores acadêmicos, prezados colegas e amigos presentes, senhoras e senhores.

Agradeço inicialmente ao convite deveras honroso que me fez o Presidente da ABL, Acadêmico Cícero Sandroni, para compor esta qualificada mesa em que se homenageia o Acadêmico Evanildo Bechara em face dos 80 de vida completados neste ano de 2008. O convite é honroso por vários motivos: primeiro, por ter a oportunidade de participar de um encontro nesta Casa que aprendi a admirar e a cultuar como um reduto dos estudos humanísticos desde meus primeiros passos como aluno do Curso de Letras na UFRJ. Segundo porque tenho a meu lado dois amigos diletos e mestres de toda hora, com quem com-

¹ Texto apresentado em 12 de junho de 2008 na Academia Brasileira de Letras.

partilho um cotidiano fazer docente que nos consegue mais aproximar a cada momento vivido². Terceiro porque me é dada a oportunidade de dizer um texto sobre Evanildo Bechara, nosso mais prestigiado filólogo, cuja amizade tenho o privilégio de usufruir e de cujo saber científico venho-me servindo inescrupulosamente ao longo destes 16 anos de afetuoso convívio, já que, quando com ele estamos, até a mais despreziosa conversa de variedades pode, subitamente, transformar-se em preciosa aula.

Meu texto explora a face bibliográfica da carreira brilhante trilhada por Evanildo Bechara nos campos da Linguística e da Filologia. Nesse intuito, decidi tocar particularmente dois livros que representam momentos bem distintos de sua extensíssima produção acadêmica: o primeiro, uma coletânea de ensaios escritos entre os 19 e 26 anos de idade intitulada *Primeiros ensaios sobre língua portuguesa*, que veio a lume em 1954 pela Livraria São José; o segundo, a *Moderna gramática portuguesa*, obra que desfruta o privilegiado posto de compêndio gramatical mais citado em trabalhos acadêmicos brasileiros e portugueses, cuja edição refundida data de 1999, oferecida ao público pela Editora Lucerna.

Cuidemos, antes, de breve viagem ao limiar da segunda metade do século passado, época em que floresce a geração de Evanildo Bechara no cenário acadêmico brasileiro. A publicação da obra *Princípios de linguística geral*, de Joaquim Mattoso Câmara Júnior, em 1941, constitui hoje um marco historiográfico no percurso dos estudos sobre a linguagem no Brasil. Com Mattoso inaugura-se a aplicação entre nós do modelo estruturalista, cujos ecos vinham de fontes europeias, como o Círculo Linguístico de Praga, e norte-americanas, como na obra de Edward Sapir e Leonard Bloomfield. Instalada em um cenário antes dominado pela escola histórico-comparativista e pela análise filológica do texto literário, a novel proposta estruturalista cria um embate de idéias sobre teorização e metodologia cujas consequências resultaram na bifurcação que endereçou para caminhos distintos a Filologia e a Linguística, fato que, no decurso das décadas seguintes, pelo menos até o final dos anos 80, freou significativamente a pesquisa filológica brasileira, os estudos diacrônicos e, sobretudo, a formação de filólogos no seio da Universidade.

Os caminhos distintos trilhados por essas duas áreas do saber sobre a língua, em particular, e sobre a linguagem humana *lato sensu* levou a que algumas vozes mais estimuladas pelo deslumbramento do que pela sensatez cuidassem de criar um pseudo-antagonismo entre Linguística e Filologia no Brasil, sobretudo nos anos 60 e 70, em que se conferiam à primeira os louros

² Trata-se de Rosalvo do Valle e Carlos Eduardo Falcão Uchôa

da genuína investigação sobre o sistema linguístico e se imputava à segunda o peso do anacronismo e da obsolescência.

Curiosamente, o nome que terá gerado essa partição de interesses no seio da Universidade brasileira, Joaquim Mattoso Câmara Jr., era pesquisador de fácil trânsito em ambas as áreas de investigação, a filológica e a linguística, sendo que, em face da segunda, é hoje considerado com justeza o pioneiro dos estudos em Linguística Estruturalista no Brasil. Quem lê a obra desse grande expoente da ciência brasileira percebe com facilidade que seu interesse ia muito além dos estudos sistêmicos e sincrônicos, o que nos autoriza a asseverar que, não houvesse a morte arrebatado-lhe a palavra tão precocemente, ter-se-ia manifestado como veemente opositor do cisma intelectual de que se vitimaram as ideias linguísticas no Brasil.

Uma questão inerente a esse momento especial do percurso dos estudos sobre a linguagem diz respeito à formação dos novos pesquisadores: seriam eles linguistas ou filólogos? A história nos informa que a juventude letrada na metade do século XX, não obstante já se abeberasse das novas tendências estruturalistas, mantinha as bases de uma tradição filológica fortemente influenciada pelos estudos históricos, consolidada entre nós desde a segunda metade do século XIX com o advento da denominada Gramática Científica. Talvez se deva semelhante constatação ao fato de que os mestres, então, iniciavam carreira sob a tutela de um professor sênior, a cujas idéias naturalmente se subordinavam, de que decorria um relacionamento que frequentemente ia além das fronteiras acadêmicas para invadir o trato pessoal, quando não o terreno mais íntimo da amizade. Como o perecimento da geração legatária dos estudos histórico-comparativistas, cria-se uma nova ordem de pesquisadores, cujo perfil reúne harmonicamente as novas propostas do descritivismo estruturalista e as antigas bases acadêmicas do modelo filológico.

Evanildo Bechara é um dos exponenciais representantes dessa geração brasileira em que a Linguística e a Filologia se irmanam em prol do labor científico. E, curiosamente, ao analisarmos, hoje, sua qualificada e extensíssima bibliografia, percebemos que enquanto seus textos inaugurais estavam mais inclinados para as fontes da Filologia, à luz dos cânones tradicionais, seus textos mais recentes cuidam com maior ênfase das teses linguísticas contemporâneas, mormente as herdadas do modelo funcional residente em Eugenio Coseriu. Por aí se vê que, até na configuração bibliográfica, Evanildo Bechara revela-se esse precioso amálgama da Linguística com a Filologia. Tratemos, pois, ainda que perfunctoriamente, dessa feição dual na obra bechariana, mediante referência aos dois volumes escolhidos.

Primeiros ensaios sobre língua portuguesa compõe-se de 13 estudos, nove dedicados à lexicologia diacrônica – *O sentido psicológico de cristal e cristalino*; *Nação: seu histórico*; *Buscar*; *Ir por, vir por, tornar por, mandar por, enviar por*; *Notícia e nova*; *Boato, fama, voz, rumor e soar*; *Sob e debaixo de*; *Bacharel*; *História e estória*; –, um afeito ao campo da antropologia linguística – *Fórmulas de gestos e cumprimentos entre vários povos* –, dois insertos na área da sintaxe histórica – *Pertencer para e pertencer a*; *As locuções esquecidas* dar de vara e dar de couces – e um atinente à história da língua literária – *As fases linguísticas do português na Sintaxe histórica de A.E. da Silva Dias*. Desses breves textos, seis – *Buscar*; *Ir por, vir por, tornar por, mandar por, enviar por*; *Notícia e nova*; *Boato, fama, voz, rumor e soar*; *Sob*; *Fórmulas de gestos e cumprimentos entre vários povos*; *Sob e debaixo de* – estão reunidos como partes de um só ensaio intitulado *Notas soltas de linguagem*. Encerra o volume uma referência emotiva à memória de Manuel Said Ali, escrita no dia 21 de outubro de 1953, primeira data natalícia do velho mestre após sua morte.

De modo geral, a tessitura desses ensaios, conforme já aqui ressaltado, revela um Bechara integrado ao projeto de estudo filológico então em prestígio, não só na escolha dos temas de estudo, como também na organização do texto. Predominam as investigações de semântica histórica, que se faz presente inclusive no texto *Pertencer para e pertencer a*, dedicado ao tratamento de um espinhoso caso de regência na fase clássica do idioma. Por outro lado, a estrutura textual segue o padrão de farta exemplificação das teses expostas mediante referência aos textos clássicos, uma explícita influência não só do já aqui reiteradamente citado Said Ali, como aparentemente também de Mário Barreto, cuja extremada preocupação com a abonação literária dos fatos gramaticais tomava-lhe várias horas de exaustivo trabalho perquiridor.

Nesses textos inaugurais da carreira de Evanildo Bechara, semelhante compromisso com a exaço transborda as páginas dos *Primeiros ensaios*, bastando, para constatá-lo, verificar que, no estudo *Notícia e nova*, uma menção ao sentido histórico da palavra *notícia* como “conhecimento que se tinha sobre uma pessoa ou coisa” conta com o abono de seis extratos da obra de João de Barros e Frei Luís de Sousa. Já quanto à investigação do sentido histórico do verbo *buscar*, em um dos segmentos do ensaio *Notas soltas de Linguagem*, Bechara reitera essa marca de suas formação filológica quando indica ao leitor que há cerca de quarenta ocorrências de *buscar* nos *Lusíadas* em face de apenas duas de *procurar*.

Uma outra vertente de investigação que parece ter sido cara ao espírito empreendedor de Evanildo Bechara nesses primeiros passos diz respeito ao

sentido psicológico de certas palavras que o Autor então preferia denominar “palavras de situação”, ou seja, “vocábulo antigos ou modernos, que se afastam de sua significação usual e assumem um sentido profundamente psicológico e necessário para a situação espiritual em que se encontra a pessoa que os emprega” (BECHARA, 1954:13).

Bechara dedica o estudo inaugural do volume *Primeiros ensaios* exatamente ao valor dito psicológico de que se revestem o substantivo *crystal* e seu correspondente adjetivo *crystalino* na língua literária. A leitura atenta dos textos em que aparecem esses vocábulos demonstra haver, com efeito, um valor semântico que vai além do sentido de “transparência” ou “clareza” para atingir o sentido de “pureza”. A rigor, trata-se de uma similitude implícita, de um torneio metafórico que vincula a transparência do cristal à ideia de pureza em estado superlativo, fato que, a rigor, como demonstra o próprio Bechara, vai além das fronteiras da língua literária, para residir no seio da língua popular: água cristalina, olhar cristalino, ideia cristalina.

Em inúmeras outras sendas haveríamos de percorrer esses textos inaugurais da carreira exitosa de Evanildo Bechara. Os limites a que nos sujeitamos, entretanto, impõem que desviemos as atenções para o outro polo desse confronto bibliográfico, em que se expressam com maior flagrância as bases da Linguística contemporânea. Cuidemos, pois, em rápida menção, da *Moderna gramática portuguesa*, em especial sua 37.^a edição, em que nosso homenageado oferece-nos uma renovada concepção dos mecanismos que atuam no sistema linguístico sem descuidar de certos princípios que permanecem vivos, já que essenciais para o ensino do português em sua plenitude, não só como meio de comunicação social, mas também como exemplo de língua histórica que encerra e transmite às gerações o inventário cultural de um povo.

Essa edição da *Moderna gramática* esteia-se na teoria gramatical de três grandes linguistas contemporâneos: Eugenio Coseriu, José Herculano de Carvalho e Mattoso Câmara Jr. Dir-se-ia, com segurança, que a ordem desses nomes, da maneira como aqui se dispôs, bem espelha a preponderância proporcional de seus conceitos teóricos, de tal sorte que a Eugenio Coseriu, sem dúvida, se há de conferir maior relevo e força inspiradora nas linhas gerais da obra, com exceção da parte dedicada à Fonética e à Fonologia.

A questão da norma escrita, por exemplo, já aqui referida, passa por temas subliminares, como o do levantamento de um *corpus* fidedigno, que dê amparo às regras ou preceitos declinados na obra, bem como indique as bases de uma norma atualizada que não se afaste dos paradigmas da língua histórica, entendida por Bechara como “produto cultural histórico, constituída

como unidade ideal, reconhecida por todas as comunidades integrantes desse domínio linguístico”.

É este aspecto da questão em que tanto se empenha o autor da *Moderna gramática*: não se há de confundir a exemplaridade linguística com a correção gramatical, já que a forma ou construção exemplar advém do percurso histórico da língua e se estabiliza pela escolha de gerações sucessivas de falantes como a que cumpre o papel de comunicação mais eficientemente. Nesse sentido, há de conferir-se igual relevo às variáveis linguísticas, que também são fruto dessa tradição histórico-evolutiva como expressões válidas da língua exemplar.

Um outro detalhe de grande significado, sobretudo do ponto de vista historiográfico, que reside nas páginas da novel *Moderna Gramática Portuguesa* está na própria sinopse gramatical. Abandonando de vez o modelo estrutural tripartite *Fonética, Morfologia e Sintaxe*, consagrado pela Nomenclatura Gramatical de 1959 e que serviu de fundamento para a criação de tantas obras a partir da década de 1960, a nova edição da *Moderna gramática* impõe severas modificações à estrutura orgânica da descrição do fato linguístico. Destarte, a sinopse gramatical opta por dois níveis descritivos basilares – *fonética e fonologia* e *gramática descritiva e normativa* –, subdividindo-se o segundo em três segmentos: *formas e funções, estrutura das unidades: análise mórfica e estrutura do enunciado ou período: a oração e a frase*.

Saliente-se, por relevante, que Bechara opta por conduzir para as páginas de um compêndio gramatical a atualizada concepção orgânica da língua que exclui a Fonologia dos domínios da gramática, fato que revela o alinhamento de nosso linguista homenageado à concepção de língua como sistema de estruturas abstratas, em que o som apenas funciona como revestimento material, de tal sorte que se possibilite a comunicação. Nesse sentido, a Fonética e a Fonologia não integram a gramática da língua, decerto, mas sua presença na estrutura geral de um texto descritivo justifica-se pela constatação de que ao vernaculista cabe descrever todos os fatos da língua, não apenas os atinentes a sua gramática. Nesse sentido, mormente por exigência pedagógica, não se pode descurar da referência aos fenômenos da Fonologia.

Enfim, a Linguística e a Filologia brasileiras muito devem a Evanildo Bechara e essa dívida não será honrada apenas em futuro distante, como infelizmente aconteceu com tantos outros expoentes dos estudos sobre a linguagem em nossa terra. No caso de Bechara, o preito de gratidão se expressa em voz presente de seus discípulos e admiradores, sobretudo dos alunos que anonimamente conferem ao mestre a mais preciosa das homenagens: a consulta diária a sua obra e a perpetuação de seu nome nas classes de Língua Portuguesa.

Talvez poucos prazeres superem, na vida de um professor, o de ser eternizado nas páginas de um livro que vem a tornar-se referência em dada área do conhecimento, aquela leitura a que todos se dirigem como que atraídos por um irresistível tropismo intelectual. O prazer de circular por mãos plurais, em toda parte, disseminando idéias, formando cidadãos, participando da construção de uma nação. O prazer de tornar-se tão intimamente vinculado a seu mister que chega a com ele confundir-se. Quantos educandos neste exato momento, na imensidão territorial de nosso país, não estarão dirigindo-se a uma estante de livros, dizendo a si mesmos: “Estou em dúvida. Vou consultar o Bechara”.

A História é testemunha de que os grandes sábios não têm idéia da dimensão de sua grandeza, porque é a sabedoria que os impede de desviar os olhos para si próprios. Em Evanildo Bechara essa regra se expressa numa personalidade cordata, numa prestimosidade atenta, numa cordialidade carismática que o faz elevar-se naturalmente entre seus pares. Se admitirmos, com Ortega y Gasset, que na vida só chegamos a ser uma parte mínima do que poderíamos ser, haveremos de constatar que o mínimo em Evanildo Bechara ultrapassa os limites imagináveis do máximo virtual dos comuns.

Referência

BECHARA, Evanildo. *Primeiros ensaios sobre língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1954.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37 ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.